



Comunidades de prática e o ensino de shakuhachi no Brasil

Palavras-Chave: Shakuhachi, ensino de shakuhachi, comunidades de prática.

Autores:

João de Alcântara Clímaco, IA, UNICAMP

Profa. Dra. Suzel Ana Reily (orientadora), IA, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O shakuhachi é um instrumento milenar japonês, cuja origem remonta à China, por volta do século VIII. Tradicionalmente confeccionado com uma variedade de bambu japonês chamada madake (*Phyllostachys bambusoides*), o shakuhachi pertence à família dos aerofones, instrumentos de sopro sem aeroduto (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 271-274). Trata-se de uma flauta vertical pentatônica com cinco furos para os dedos, idealmente feita com os sete primeiros veios do bambu, sendo que os três primeiros a raiz, e que são utilizados na construção não apenas por sua estética, mas também por sua influência sonora.

Figura 1 – Três Shakuhachi



Fonte: Sonica instruments – <https://sonica.jp/instruments/en/product/shakuhachi/>

Originalmente, o shakuhachi era um instrumento usado por monges em rituais e na prática do zen, principalmente durante a meditação. Um grupo famoso de praticantes do zen que é relacionado ao shakuhachi são os monges Komuso. o nome komuso (虚無僧) significa "padre do nada" ou "monge do vazio", e esse foi um grupo de monges mendicantes japoneses da escola "Fuke" do Zen Budismo que floresceu durante o período Edo (1603–1867). Eles também eram conhecidos por tocar

peças solo no shakuhachi chamadas honkyoku (peças fundamentais). Essas peças eram tocadas durante uma prática meditativa chamada “suizen”, em troca de esmolas, como método de alcançar a iluminação e como modalidade de cura. A ordem dos Komuso foi abolida durante o período Meiji (1868–1912), mas as peças do honkyoku, tradicionalmente ensinadas de forma oral, se mantiveram vivas graças a transcrições feitas em partituras específicas para o shakuhachi, e são tocadas até os dias de hoje, estando inclusive entre as favoritas nos repertórios de mestres e professores.

Tradicionalmente, as canções sopradas no shakuhachi eram passadas oralmente. Os monges tocavam em seus shakuhachi as melodias entoadas nos principais versos dos sermões de seus templos, e assim eram passados de forma oral para os interessados em soprar tais sermões. Cada grande templo tinha seus principais sermões, e assim eram passados para monges de diferentes templos, que os levavam consigo na memória. Sendo esse o único veículo de transporte das músicas, era inevitável que sofressem mudanças ou até mesmo que se perdessem de um templo para o outro. Como resultado desse processo de transmissão oral, surgiu um fenômeno que os musicólogos japoneses chamam de *dōmei-ikyoku* (同名異曲), peças diferentes, mas com o mesmo nome e *imei-dōkyoku* (異名同曲), quando nomes diferentes são atribuídos a uma mesma peça, tornando difícil a compreensão acerca da origem e relação entre essas peças. Apenas por volta de 1890 as peças começaram a ser escritas em papel, com um de seus precursores e maior contribuinte sendo Nakao Tozan (中尾都山), fundador da escola Tozan de shakuhachi (1896).

A importância cultural do shakuhachi no Japão é significativa. Com a imigração japonesa para o Brasil, o instrumento foi introduzido no país, sendo inicialmente utilizado principalmente pelos imigrantes e seus familiares. A chegada do shakuhachi ao Brasil trouxe mudanças em relação às formas japonesas tradicionais, especialmente na relação do estudante com o instrumento e do ensino do shakuhachi, que vêm sendo adaptados pelos mestres brasileiros. Segundo HIROSHI (2014, p. XI), o shakuhachi foi trazido ao Brasil por imigrantes japoneses no início do século XX. A imigração japonesa contribuiu amplamente para o enriquecimento da cultura brasileira, e a música não foi exceção. Além do shakuhachi, outros instrumentos como a flauta transversal shinobue e a cítara japonesa koto também foram introduzidos no país pela comunidade japonesa. Nessas comunidades se formaram diversos grupos de prática e apreciação da música tradicional japonesa, e a partir de tais comunidades, foram se formando os grupos de prática e estudos de, entre outros instrumentos, shakuhachi.

METODOLOGIA:

A principal forma de pesquisa utilizada neste artigo foi a pesquisa de campo, contando com pesquisa de observação, entrevistas e pesquisa de observação participante. O uso de pesquisa bibliográfica e audiovisual também foi feito, para contextualizar o shakuhachi e sua história, tanto no Brasil quanto no Japão.

A ideia do projeto foi focada na pesquisa de observação participante, onde acompanhei grupos, alunos e professores de shakuhachi, procurando entender e participar de suas dinâmicas,

aulas, ensaios e apresentações. De certa forma, estive também envolvido nesses momentos, para que pudesse entender e experienciar de perto o processo, podendo ter uma visão mais completa. Dei foco ao grupo recém criado, Coletivo Brasileiro de Shakuhachi, que tem como membros fundadores mestres graduados em escolas distintas que trazem para o grupo visões e repertórios variados. As experiências coletadas nestas ocasiões, juntas com relatos dos mestres e da história do shakuhachi no Brasil ofereceram um panorama de como ela acontece e de como diferem das práticas no Japão.

Figura 2 – Coletivo Brasileiro de Shakuhachi em seu primeiro encontro presencial



Fonte: Acervo pessoal (2025)

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Tradicionalmente, era comum que o ensino fosse passado através das escolas, que tinham uma estrutura hierárquica, onde os discípulos tinham uma relação de vassalagem com seus mestres. As escolas possuíam um repertório e, embora ele possa ser em grande parte idêntico ao de outra, sabemos que este repertório não era compartilhado com nenhuma outra escola. Diferentemente de uma escola de piano, que ensina ao aluno um repertório variado, as escolas tradicionais japonesas ensinavam aos seus estudantes apenas seu estilo e repertório próprios (GUTZWILLER, 1974, p. 149). Com a disseminação do shakuhachi mundialmente, pudemos ver tendências sendo mudadas nas práticas e no ensino, especialmente com o advento da internet e das aulas online. O Seattle Shakuhachi Study Group (SSSG), por exemplo, oferece aulas de shakuhachi para grupos, online ou presencialmente, indo contra a tradição de aulas individuais no modelo pupilo e mestre, e no site da Japanese traditional Music¹ encontramos diversos cursos livres de shakuhachi. Além destes, existem no Youtube canais direcionados ao ensino de shakuhachi, com vídeos de passo a passo de peças famosas, manutenção do instrumento, além de diversas questões culturais relacionadas ao shakuhachi. Com o passar do tempo e a crescente popularização do shakuhachi no Brasil, o interesse pelo instrumento passou a atingir não

¹ Ver: Japanese traditional Music. Disponível em <https://japanese-music.com/>

apenas os imigrantes e seus descendentes, mas também brasileiros sem qualquer vínculo étnico com o Japão. Um exemplo é o grupo “Suizen Dojo”, voltado à prática do shakuhachi, que é composto inteiramente por brasileiros e não foi fundado por japoneses ou seus descendentes (HIROSHI, 2013, p. 2), e atuou na cidade de São Paulo tendo como seu líder Matheus Ferreira, brasileiro e aluno de shakuhachi do sensei Hiroshi. O grupo, apesar de ser composto apenas por brasileiros, seguia métodos de ensino e prática estritamente japoneses, na procura da criação de um ambiente que remetesse às raízes de tais práticas e como forma de preservação cultural.

Outro exemplo, mais recente e que pude acompanhar de perto, foi o Coletivo Brasileiro de Shakuhachi², um grupo criado pelos sensei Akio Yamaoka, representante da escola Tozan Ryu e Shen Kyomei Ribeiro, representante da escola Kinko Ryu. O grupo é formado por outros mestres e estudantes de shakuhachi, e tem como principal objetivo a prática, estudo e divulgação do shakuhachi sem estar preso a um estilo específico. Nesse grupo, vemos práticas mais voltadas ao som e ao instrumento, e menos ligadas às tradições japonesas relacionadas ao shakuhachi.

Figura 3 – Ensaio do Coletivo Brasileiro de Shakuhachi



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Mais uma instância onde podemos a mescla de tradição com inovações são instituições que ensinam o instrumento ou professores que dão aulas individuais. Cada professor se baseia em um estilo para ensinar, e dessa fundamentação são criadas técnicas e abordagens diversas, misturando tradição com novos métodos de ensino. O projeto Sankyu³, uma escola que além do shakuhachi, ensina diversos instrumentos tradicionais japoneses como o shinobue, minyo, koto taiko e shamisen, tem como lema “Preservar, Desenvolver e Inovar”. O professor Bruno Blaze, responsável pelas aulas de shakuhachi no projeto, dá também aulas coletivas, e comenta em uma entrevista cedida a mim como usa de “técnicas diferentes, não necessariamente no estilo japonês” para ensinar seus alunos.

² Ver: Coletivo Brasileiro de Shakuhachi. Disponível em <https://www.instagram.com/coletivobrasileirodeshakuhachi/>

³ Ver: Projeto Sankyu. Disponível em <https://www.projetosankyu.com.br/>

CONCLUSÕES:

Desde a chegada do povo japonês no Brasil, sua música e cultura vêm sendo praticadas no país. Sendo o shakuhachi uma peça tão importante da cultura japonesa, não é de se surpreender sua rápida disseminação, primeiro entre a comunidade nipo-brasileira, e então entre brasileiros. Inicialmente, as comunidades interessadas no shakuhachi eram praticamente restritas às japonesas e nipo-brasileiras, mas com o passar do tempo e com tantas trocas culturais, o shakuhachi se popularizou também em comunidades brasileiras. Com o aumento da população interessada no shakuhachi, cresce também a quantidade de pessoas interessadas em aprender o instrumento, e assim, vemos um aumento na demanda por professores e por grupos de estudo e prática. Foi também dessa demanda que surgem grupos como o Suizen Dojo e o Coletivo Brasileiro de Shakuhachi, e com grupos atuando no Brasil e compostos por brasileiros, surgem novas práticas de estudo, ensino e apreciação de um instrumento com uma cultura milenar como o shakuhachi. Essa prática se torna cada vez mais comum, e hoje temos professores que não se prendem a técnicas tradicionais japonesas para o ensino do instrumento.

Podemos ver como o processo de ensino vem sendo adaptado para suprir as necessidades da comunidade brasileira, desde aulas em grupo, uso de métodos estranhos à tradição japonesa e práticas abertas e em grupo. Os mestres vem aproximando cada vez mais essa arte tão tradicional à comunidade brasileira que se interessa por ela, e através das suas inovações e criatividade, tornam possível que mais pessoas tenham acesso ao shakuhachi.

BIBLIOGRAFIA

BLAZE, Bruno. Entrevista a João de Alcântara Clímaco. São Paulo, 2025. áudio. 12:37min. Não publicada.

FUCHIGAMI, Rafael Hirochi. *Aspectos culturais e musicológicos do shakuhachi no Brasil*. Campinas, 2014. [123 p.] Dissertação (mestrado em musicologia). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Artes. Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/937463> Acesso em: 24 de Jul. 2025

FUCHIGAMI, Rafael Hirochi. Caminhos paralelos do shakuhachi no Brasil. In: XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2013, Natal. *Anais*: anppom.org.br ANPPOM, 2013. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2013/2311/public/2311-6897-1-PB.pdf Acesso em: 24 de Jul. 2025

GUTZWILLER, Andreas B. *Shakuhachi: Aspects of History, Practice and Teaching*. Middletown, Connecticut. 1974. 24 p.. Dissertação Mestrado em música. Wesleyan University, Wesleyan, 1974.

PINTO, Tiago de Oliveira. *Som e música. Questões de uma antropologia sonora*. Revista de antropologia: SciELO Brasil. 2001. v. 44, p. 222-286. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/PnnKJTCvbQzVyN4dXMrsHyw/?lang=pt> Acessado em 24 de Jul. 2025